

# **“QUANDO A NOITE CAI”**

**LUIS MESTRE**

**Personagens: António, cinquenta Luís, trinta Andreia, trinta Simão, uma criança**

*Algumas porções do diálogo aparecem em parêntesis, e servem para marcar uma pequena mudança de perspectiva por parte do emissor – uma mudança momentânea para um modo mais introspectivo*

UM

*Dia. Uma sala muito pequena num primeiro andar, apenas com uma porta de saída ao fundo e uma janela para a rua à esquerda. Junto à janela, uma série de riscos na parede em grupos de cinco, como se fosse uma espécie de contagem. Os riscos são em grande número. António está sentado numa cadeira de rodas e, com um pano no seu colo, limpa cuidadosamente uma pistola montando-a e desmontando-a várias vezes. Luís, sentado numa cadeira, lê o jornal. Ouve-se, mais ou menos distante e durante uns momentos, o som de um helicóptero. Silêncio.*

ANTÓNIO

ainda no outro dia estava um sol lindo

fui dar uma caminhada pela mata. esticar as pernas.

não sabia que ainda havia tantos carvalhos-alvarinhos.

e tão viçosos. bonitos. *! pausa curta*

já não saía daqui há algum tempo. fez-me ter saudades

de quando estava no exército. aquela solidão,

nós e a mata e o cheiro

o cheiro das coisas boas da natureza

misturado com uma tensão insuportável.

podíamos cheirar a morte. eu

conseguia cheirar a morte. um odor peganhento

que se cola à pele!  *pausa*

já alguma vez a cheiraste? não. como podias?

és um miúdo da cidade. urbano, não és?

que não distingue uma ovelha de um cão. !  *pausa curta*

sabes quantas raças de cães existem? !  *pausa*

ou de ovelhas?

!  *silêncio* estava eu a dizer:

que a mata ainda tem o cheiro de coisas boas.

adorava a mata quando era miúdo. subia às árvores

2

montes delas. conhecia-as todas.

ficava horas sentado nelas. a ouvir.

às vezes ouvia coisas. depois, de repente,  
o silêncio.

e aí ouvia o meu coração.

já alguma vez ouviste o teu coração? depois barulhos ensurdecedores

de máquinas e humanos

aí eu não ouvia nada. nem respirava

ficava sem ar. depois

outra vez tudo calado. e de repente, ouvia

um batimento cardíaco

mas não era o meu coração. era de alguém

outra pessoa. o pior

era depois dos barulhos o pior era

quando

um coração parava. como uma porta.

como se alguém batesse a porta com força

e mais nada. depois mais nada. fica tudo fechado. fecha tudo.

tudo.

tudo fechado. encerrado.

não se ouve mais nada mais batimentos.

(não fazes ideia,

nunca ouviste o teu coração.) !*pausa*

queríamos uma paz uma paz de ferro.

e foi o que fizemos. o que conseguimos. (que idade tinha?) era novo

mais novo do que tu. pela mata

3

a ouvir corações. e agora isto tudo. tudo lá fora.

! *silêncio curto* mais de duzentas. raças.

mais de duzentas raças de cães. ! *silêncio*

(odeio-os a todos.) esses oficiais, soldados de cidade... nem guerrear sabem. e agora andam com cães

com uns presa canário. são como uma peste negra em forma de animal.

uma espécie de pitbull

mas com o dobro do tamanho

e com uma dentada de tesoura mais forte. uma coisa assassina com quatro patas.

quem se lembra de ir buscar cães às Canárias? um cão espanhol

ilhéu

para morder o pescoço português. ! *silêncio*

deviam ir todos para a mata para perceber como se guerreia o que é a guerrilha.

mas tu não sabes nada disso, pois não?

serviram-te uma paz de ouro numa bandeja de prata.

! *pausa*

já te roubaram a bandeja estás à espera de quê

aí sentado?

que te levem o ouro?

a mim não me levam nada. eles que venham.

estarei preparado.

para eles e para os cães. uma revolução

o caos e tu? a ler o jornal.

maldito dia em que te mandei para a escola. ficaste um intelectual

que não suja as mãos. que tem medo de sangue de ver sangue

desmaias, não é? pedes sempre

4

o bife bem passado,

para não teres tonturas à mesa. ! *pausa*

queres uma arma?

! *pausa curta* faz uns disparos. sente o gosto amargo na boca

o gosto amargo da adrenalina.

! *pausa curta* preferes uma salada

a um bife mal passado.

! *silêncio longo* estás a ler

o quê?

já apanharam mais?

como lhes chamam?

LUÍS dissidentes.

ANTÓNIO isso.

são cidadãos cidadãos

com segundo rótulo. como incomodam têm opinião diferente chamam-lhes isso. ou isso ou ovelhas. como tu.

embora nunca tenhas visto uma. ! *ri*

o que diz mais?

! *silêncio* lê.

! *pausa curta* lê o jornal.

LUÍS

porque não levantas esse teu corpo nojento dessa maldita cadeira de rodas  
e vais comprar o teu próprio jornal? !

! *silêncio curto*

ANTÓNIO seu cabrão.

! *pausa*

5

quando te apanhar um dia destes... quanto te apanhar  
vais levar

levar umas palmadinhas nesse rabo.

LUÍS

estou louco para que chegue o dia...

! *silêncio curto. Ouve-se, agora menos distante e durante uns momentos, o som ! de um helicóptero*

ANTÓNIO

eles andam no distrito. filhos da puta.

à pesca.

como se isto fosse um lago. a ver o que encontram.

! *termina a limpeza da pistola pronto*

terminei.





DOIS

*Dia. António está sentado na cadeira de rodas. Andreia, de pé à janela, fuma um cigarro.*

ANDREIA é horrível, não é? fica-se tão vulnerável.

ficas com o peito e coração abertos e a outra pessoa  
pode entrar dentro de ti e revolver-te por dentro. constróis  
todas essas defesas, constróis  
uma armadura que te cobre protege  
de alto a baixo

para que ninguém te possa ferir,  
e depois

uma pessoa estúpida, igual a qualquer  
outra pessoa estúpida,  
atravessa-se na tua estúpida vida... dás-lhes  
um

bocado de ti. não to pediram. fizeram um dia  
uma estupidez qualquer, como beijar-te ou sorrir-te, e a tua vida  
deixou daí em diante de ser tua.

o amor faz reféns.

entra dentro de ti.

come-te e deixa-te a chorar no escuro, e é assim

que uma simples frase do estilo,  
talvez devêssemos ser só amigos,  
se transforma num estilhaço que te vai direito ao coração. dói.  
não é só imaginação.

não é só mental.

é uma dor de alma, uma dor real

que te invade e te rasga e

te parte. odeio o amor.

ANTÓNIO e o putto?

ANDREIA o miúdo?

ANTÓNIO sim.

onde entra aí?

ANDREIA mais um estilhaço. pensas percebes, estou grávida.

e não entendes o que é pior,

o abandono

a amizade pedida e estúpida

ou um peso a mais na tua vida. e depois ficas vulnerável.

não com peito aberto mas uma coisa diferente.

tens um prolongamento de ti ali

sempre

e não queres que fique com o coração partido

que receba estilhaços. mas sabes que,  
mais tarde ou mais cedo, vais fazer asneira  
e ele vai ser irremediavelmente atingido. e depois,  
o olhar muda, consegues ver nos olhos a desilusão.  
o olhar a dizer, como deixaste  
que isto me acontecesse.

e sentes que está tudo perdido. ! *pausa curta*

e por vezes, imaginas que devia ter sido

um estilhaço verdadeiro

e acabava-se logo tudo ali: o peso,

a desilusão,

o prolongamento. ficava resolvido.

ficava com a vida resolvida. teria só os meus estilhaços directos ao coração.

e fazias da tua vida da tua viagem

uma coisa a solo, tentavas fazê-lo,

até que alguém estúpido acabaria por fazer qualquer coisa estúpida

e começava tudo de novo. e logo

mais uns estilhaços. fica-se como que

à espera,

mais tarde ou mais cedo, é inevitável.

até que um dia, lá longe,

páras

por qualquer coisa igualmente estúpida olhas para trás

e percebes que tens a vida toda fodida.

uma acumulação de erros.

e pensas:

és igualmente estúpida. !

! *pausa*

ANTÓNIO estás doente?

ANDREIA doente?

ANTÓNIO doente.

não tens doenças, pois não?

! *pausa curta* nada venéreo  
nada incurável.

ANDREIA *pausa* são os estilhaços, que não têm cura.





TRÊS

*Dia. Há mais dois riscos na parede. António está sentado na cadeira de rodas. Luís, sentado na cadeira, lê o jornal. Ouve-se, mais ou menos distante e durante uns momentos, o som de um helicóptero. Silêncio.*

ANTÓNIO

as ruas estão cada vez mais sujas. deixam tudo porco.

já não há ninguém para limpar as ruas?

já que importam cães podiam importar porcos também. não comem todo o tipo de lixo?

! *silêncio*

já não se pode esticar as pernas na cidade nas ruas.

! *pausa*

as pessoas já não andam como dantes parecem que estão todas num funeral. caminham como os parentes do morto. parece que têm medo de pousar os pés. caminham nas pontas dos pés

e quando percebem que não chamaram a atenção que não fizeram barulho

pousam o resto do pé.

mas sem pressas em voltar a usar o outro para avançar.

como se estivessem satisfeitas por terem pousado o pé, aquele pé.

e depois finalmente, quando levantam o outro pé, para avançar

para andar mover

demoram uma eternidade a pousá-lo de novo.

como se não soubessem andar

como se tivessem de aprender tudo de novo. e quando pousam  
de novo

na ponta do pé, parece um bailado mas monótono.

! *pausa* estava a dizer, que

parece que têm medo de pisar um ninho de vespas.

! *pausa* patéticos.

! *pausa curta*

andava eu no meio daquela gente a esticar as pernas

passo largo

parecia um gafanhoto ficaram mesmerizados.

! *pausa curta* sabes o que isso quer dizer? ! *pausa*

dei uma volta ao bairro várias até

até ficar vazio. com o final do dia a coisa esvazia. ah não

não esvazia...

e as ruas ainda mais sujas. escondi-me num beco numa entrada

num canto. e esperei.

até que apareceram e

matei dois

e surripiei-me para aqui. ! *pausa longa* diz aí alguma coisa sobre a praça

ou o jardim?

! *silêncio curto* não percebo.

não percebo como se pode mudar uma praça

e um jardim inteiro pedra a pedra

de um ponto da cidade para outro. porque fazem isso?

! *pausa curta*

de repente chegas à praça e... estão a construir algo

alguma coisa.

não se percebe o quê não se consegue ver por causa

dos resguardos não se vê mas ouve-se.

há ali máquinas maquinaria

fizeram-me lembrar tanques

o solo a vibrar. o metal quente

a vibrar na nossa direcção. mas...

12

mudar uma praça. inteirinha.

de um ponto da cidade para o outro. ! *pausa*

até as árvores e os pássaros. o barulho

os sons do parque são os mesmos.

são os mesmos pássaros.

e chilreiam da mesma forma. são os mesmos pais

os mesmos carrinhos com os bebés

as mesmas crianças mudaram tudo.

para o outro lado da cidade. não reparaste nisso?

! *pausa* não viste isso? não...

sais todos os dias e não reparas. não diz nada aí?

! *silêncio* mas estás a ler o quê?

porque não procuras um trabalho?

LUÍS

é o que estou a tentar fazer.

ANTÓNIO ah sim?

alguma coisa para ti? ! *pausa* aposto que há montes de coisas

nos classificados mas nada para ti.

o que há não serve é mau demais. mereces melhor. não é isso?

são essas as desculpas dos parasitas

dos falhados. qual é a tua?

! *silêncio*

porque não vais limpar as ruas? devem precisar de gente  
para isso.

! *pausa curta* pega numa vassoura e põe-te a trabalhar. sustenta a tua família a tua mulher e o puto merecem melhor.

queres uma vassoura?! ! *pausa*

eu compro-ta.

podes varrer-te daqui para fora. !



QUATRO

*Dia. António está sentado na cadeira de rodas, com Simão no seu colo. Andreia, sentada na cadeira, observa-os.*

ANTÓNIO

gostas de correr?

de fazer corta-mato?

aposto que tens um grande motor aí dentro. imparável,  
como o avô.

*!* *pausa* gostas do mato? e das árvores aposto que sim.

temos de ir correr um dia destes eu e tu.

aposto que me vences. já estás um homem.

*!* *pausa*

o que queres ser quando fores grande?

SIMÃO

um soldado.

ANTÓNIO *algo surpreso* (um oficial.)

porquê?

SIMÃO

para ter um cão.

ANTÓNIO gostas de cães?

SIMÃO muito.

e quero ter uma pistola também.

ANTÓNIO uma pistola?

SIMÃO sim, daquelas

! *indicando a cintura* de pôr aqui.

ANTÓNIO

mas para ter uma pistola

não precisas de ser um oficial...



! *silêncio curto* ora vê.

! *retira a pistola do assento da cadeira de rodas e mostra-a a Simão. Andreia fica !* *incomodada*  
toma.

SIMÃO *pegando na pistola com ambas as mãos* é pesada.

e dura.

ANTÓNIO

a tua é de plástico... e não tem balas.

SIMÃO

a minha tem balas.

ANTÓNIO esta também.

SIMÃO

e matam.

ANTÓNIO matam pois.

se apontares bem e acertares.

sim,  
matam. !

e agora? !

*Simão aponta a pistola à Andreia*

*pausa*

carrega no gatilho.

! *Simão, depois de um enorme esforço com a ajuda de vários dedos, consegue*

! *carregar no gatilho. Ouve-se um estalido seco. Andreia, assustada, dá um salto ! curto na cadeira. Silêncio curto*

está travada.

! *tira-lhe a pistola queres matar a tua mãe?*

! *pausa curta sai miúdo*

vai brincar lá para fora.

! *Simão salta do colo do avô e sai. António e Andreia ficam sós. Olham-se*



## CINCO

*Noite. A sala está escura, apenas iluminada pela luz que vem da janela. António está sentado na cadeira de rodas, em silêncio, como que à espera. Uns momentos depois, ouvem-se uns latidos lá fora, na rua. Calmamente e sem fazer qualquer barulho, António desloca-se na cadeira de rodas para perto da janela. Enquanto faz isto, os latidos cessam. António sentado e em silêncio, observa a rua. Silêncio longo, após o qual os latidos recomeçam. Sem nenhum esforço, com uma enorme precisão e sem qualquer som, António levanta-se da cadeira de rodas, abre a janela muito devagar e retira a pistola do assento da cadeira de rodas. Os cães continuam a latir. António espera o momento certo para atirar. Segue-se um momento bastante tenso, durante o qual aponta e dispara e acerta num dos cães, que gane. Logo de seguida, e sem qualquer pressa fecha a janela. Escuro.*



SEIS

*Dia. Há mais um risco na parede. António está sentado na cadeira de rodas e Luís na cadeira. Ambos com um jornal, cada um lendo o seu. Durante a cena, ouve-se, mais ou menos distante, o som de um helicóptero que parece vigiar a zona.*

ANTÓNIO mudaram a praça

porque era bonita demais para esta parte da cidade. o jardim, dizem,  
era bom demais. pois há demasiados pobres e desalojados nesta zona  
que conspurcavam tudo. são pobres  
têm fome

não têm dinheiro e têm cães, viralatas.  
que conspurcam o jardim. homens e cães  
a conspurcar. não faço ideia  
como se conseguem alimentar. como alimentam os cães.

! *pausa* e lá se foi.

a praça, o jardim.

malditos cães, foda-se.

! *silêncio. folheia o jornal* o desporto?

já não se faz desporto.

LUÍS

os ajuntamentos populares são proibidos.

ANTÓNIO

e acabaram com o futebol? agora faz-se o quê? xadrez?

! *pausa* há quanto tempo?

LUÍS

o quê?

18

ANTÓNIO

as proibições.

LUÍS

desde que começaram a soltar os cães durante a noite.

ANTÓNIO tanto tempo...

! *pausa* olha,

precisam

de varredores. não exigem nada. dá para ti,

não?

! *silêncio curto* página três,

dos classificados.

LUÍS procuro outra coisa.

ANTÓNIO procuras

o que não há?

! *pausa curta*

ou o que nunca vai aparecer? !*pausa*  
porque não levantas esse cu pegas numa vassoura  
e comesças por varrer esta sala?

LUÍS

sou teu filho

não teu empregado.

ANTÓNIO

não preciso de ti aqui. de um filho.  
de uma ama-seca. estás a ouvir?

! *pausa longa ouves?*

! *pausa curta*

a tua mãe não te deu educação?

a tua santa mãe não te ensinou a ter maneiras? ! *pausa*  
se ela estivesse viva

não te comportavas assim.

mais vale ires ao cemitério e cuspires na campa dela. sim,  
porque não levantas esse cu saís daqui  
passas pelo cemitério

e depois vais arranjar um trabalho. ! *silêncio*  
sustenta a tua família. trata da tua mulher. compra um cão  
ao puto. !



SETE

*Dia. António está sentado na cadeira de rodas, com Simão a seu lado.*

ANTÓNIO

faço-te um avião.

SIMÃO

não pode ser um helicóptero?

ANTÓNIO

um helicóptero? porquê

um helicóptero?

SIMÃO

é o que eles têm.

ANTÓNIO eles.

SIMÃO

os soldados.

ANTÓNIO os oficiais.

SIMÃO helicópteros e cães.

ANTÓNIO e pistolas também.

SIMÃO sim, também.

! *pausa* o meu pai

diz

que me vai dar um cão.

nos anos.

ANTÓNIO ah vai...

! *pausa* que cão...

SIMÃO *interrompendo-o* um dos grandes.



dos que andam nas ruas. dos que andam nas ruas à noite.

! *silêncio*

ANTÓNIO

são bem grandes. ! *pausa* e o teu pai prometeu...

SIMÃO *interrompe-o de novo* fazes um helicóptero?

ANTÓNIO um avião.

! *retira uma folha de jornal do assento da cadeira de rodas* vamos lá  
eu ensino-te.



OITO

*Dia. Há mais um risco na parede. António está sentado na cadeira de rodas e Luís de pé, à janela, a observar a rua.*

ANTÓNIO lembro-me

lembro-me quando tinhas cinco seis anos,  
a idade do teu puto,

quando havia paz e liberdade liberdade física e de expressão não importávamos cães

e a noite era como um segundo dia

lembro-me que na praça no jardim

no solstício de verão, foi o último verão,

a diversão tinha chegado à cidade. a festa, o circo, os carrosséis,

a música

tinha chegado à cidade

e aos nossos ouvidos também e tu,

tu eras um miúdo, saltavas empolgado com os nossos passeios nocturnos e diurnos.

na praça, no jardim

agora parque de diversões, carrosséis,

algodão doce, palhaços, foguetes, balões,

um frenesim enorme, uma enorme festa e tu... querias

o carrossel. eram minutos voltas infindáveis

sentado no cavalo. recordas-te?

! *pausa* lembro-me que

no solstício de verão naquele verão

tudo foi diferente foi naquela noite

23

seria dia ou noite noite ainda dia,

os cães soltaram-se soltaram-nos.

! *silêncio curto* de repente,

ao fundo do parque os sons das crianças os gritos das crianças transformaram-se,

já não gritos de prazer felicidade

divertimento

mas gritos de medo e dor.

foi nesse dia noite que era dia, nessa noite

que os soltaram

que tomaram a cidade

que largaram os presa canário sobre...

todos.

nós todos. os balões

(havia balões por todo o lado) esvoaçavam

como se o medo os elevasse. confusão.

mães, pais. gritos.

e de repente, vejo,

perto, um cão,

dois cães...

sobre o carrossel. pego em ti,

eles lançam-se pego em ti eles lançam-se

sobre as crianças sobre os miúdos,

os cavalos do carrossel ficam...

começam a ficar vazios choram sangue

a música pára agarro-te pego em ti

a minha mão

direita sobre os teus olhos.

recordas-te?

! *pausa* nesse dia,

de solstício, a noite caiu.

! *silêncio curto. Ouve-se, mais ou menos distante, o som de um helicóptero que ! parece vigiar a zona*

LUÍS

eles andam atrás de ti.





NOVE

*Noite. A sala está escura, apenas iluminada pela luz que vem da janela. Luís está sentado na cadeira de rodas, em silêncio, à espera. Ouvem-se uns latidos lá fora, na rua. Momentos depois, tiros. Luís levanta-se e vai à janela. Os cães continuam a latir. Após uns instantes, António entra ofegante.*

ANTÓNIO

foi por pouco.

eles andam mais perto. são em maior número.

*!        senta-se na cadeira de rodas a recuperar o fôlego o que estás aqui a fazer?*

LUÍS

mataste algum?

ANTÓNIO como te disse

é cada vez mais difícil.

LUÍS

estão cada vez mais perto.

ANTÓNIO cheiram-me.

LUÍS medo?

ANTÓNIO

vê-se que nunca cheiraste a morte. ! *pausa* mas afinal,  
o que fazes aqui?

LUÍS

esperava-te só.

ANTÓNIO bom,  
já cá estou.

! *silêncio. olham-se*

LUÍS

vou então.

ANTÓNIO óptimo.

26

LUÍS nem um?

ANTÓNIO nada.

! *silêncio curto. Luís sai*





DEZ

*Dia seguinte. António está sentado na cadeira de rodas, dorme. Luís, sentado na cadeira, lê o jornal. Ouve-se, muito perto e durante uns momentos, o som de um helicóptero.*

ANTÓNIO *acordando, sobressaltado* bateram à porta.

estás a ouvir ouviste?

! *silêncio curto* a porta,

ouviste? vais abrir?

LUÍS não.

ANTÓNIO

porque é que não vais abrir? ! *pausa*

estás a ouvir?

porque é que não abres a maldita porta?

porque não abres a porta, seu cabrãozinho de merda?

LUÍS

não espero ninguém.

ANTÓNIO

pois eu também não. abre lá a porta.

LUÍS *pausa longa*

já lá não deve estar ninguém.

ANTÓNIO *observa a porta* quem será?

LUÍS

tens a certeza que ouviste a porta?

ANTÓNIO

achas que eu estou doido?

LUÍS

eu não ouvi nada.

ANTÓNIO eu ouvi.

! *silêncio. Luís continua a ler o jornal*

LUÍS

28

olha, bateram. outra vez.

ANTÓNIO

não ouvi nada.

LUÍS bateram.

vêm-te buscar.

! *pausa* não vais abrir?

ANTÓNIO estás a gozar?

estás a gozar comigo seu cabr...

LUÍS *interrompendo-o*

eu não estou à espera de ninguém. ! *pausa curta*

não vais abrir? devias abrir.

ANTÓNIO

devias aprender a ter respeito. ! *silêncio*

o que diz aí? alguma novidade.

LUÍS

parece-te que colocam novidades aqui?

ANTÓNIO

nos classificados.

LUÍS

nada novo.

*! silêncio longo*

ANTÓNIO sonhei que...

que eles entravam aqui dentro. os soldados

com cães, dezenas deles.

*! Luís pára de ler o jornal e olha para António. Ouve-o atentamente os cães tinham...*

tinham

nomes de pessoas. das pessoas.

tinham colocado aos cães o nome  
da primeira pessoa que eles... chacinaram: Ricardo,  
Manuel, César, Rolf,  
deve ter matado um alemão, Margarida,  
Gonçalo...

no meio deles,

já te disse que eram dezenas? havia um sem nome.

um presa canário sem nome.

e um oficial, dizia que

lhe ia chamar António. !       *pausa* tentei sacar a pistola mas o meu corpo

o meu braço pulso sucumbiram

a pistola pesava toneladas. tentei

com todas as minhas forças. ambas as mãos

e

finalmente consigo e aponto,

a pistola que treme

com o meu corpo. e aponto ao oficial que dizia

o meu nome, chamando por mim e pelo cão.

o gatilho era ferro,

tento apertá-lo com um dedo vários dedos, era aço. pedra.

a pistola era pedra e aço. e não resisti.

não disparei.

e fez-se silêncio.

a sala cheia de cães soldados

o oficial

todos num absoluto silêncio olhavam-me

como se soubessem que eu não conseguiria disparar.

não poderia.

e neste silêncio

(nem um helicóptero se ouvia) de repente,

consegui perceber escutar o meu coração. todos na sala

escutavam o meu coração atentamente.

tudo isto

misturado com uma tensão insuportável.

podíamos cheirar a morte. eu

consegua cheirar a morte. (a minha morte.)

como um odor peganhento que se cola à pele.

de repente,

o meu coração parava. como uma porta.

como se alguém batesse à porta com força

e mais nada. depois mais nada.



ONZE

*Dia. António está sentado na cadeira de rodas. Andreia de pé, perto da porta da entrada, tem uma pequena mala a seu lado.*

ANTÓNIO vais embora.

ANDREIA de vez.

ANTÓNIO e ele?

e eu?

ANDREIA

não posso mais.

ANTÓNIO e o puto?

ANDREIA

não aguento mais estilhaços.

! *silêncio curto*

ANTÓNIO ele sabem?

ANDREIA vão perceber.

ANTÓNIO vão perceber o quê?

que não estás,

que desapareceste, que foste embora?

ANDREIA

que não fico cá.

que não ficarei aqui.

ANTÓNIO

e para onde vais?

ANDREIA não sei.

ANTÓNIO sabes.

32

ANDREIA não te digo.

ANTÓNIO devias levá-lo.

ANDREIA o quê?

ANTÓNIO o puto.

ANDREIA como poderia...

ANTÓNIO *interrompendo-a* leva-o.

ANDREIA não posso.

! *olhando a sala e vendo os riscos* isto vai terminar  
um dia.

ANTÓNIO talvez.

não penso nisso.

ANDREIA

eles andam perto.

ANTÓNIO tu

queres que vá contigo? é isso.

ANDREIA não.

não faças nada estúpido.

não faças mais nenhuma estupidez. não faças nada.

só quero sair daqui. não digas nada.

não digas mais nada.

DOZE

*O sol começa a pôr-se. António está sentado na cadeira de rodas. À janela, embora não o vislumbremos bem, um soldado a observar o exterior. Numa das suas mãos, uma trela de um cão.*

ANTÓNIO estava eu a dizer

não faço ideia quem mata os cães, sabe?

animais tão belos. importados,

não são?

tenho acompanhado tudo pelos jornais. uma perda enorme. vou tomando nota do número deles.

*! acenando com a cabeça na direcção dos riscos olhe aí.*

a nossa perda.

*! pausa* esses cabrões dissidentes, nem cidadãos deviam ser. deviam ser...

*! interrompe-se. Pausa curta. Com ar repugnado* medíocres

culpam tudo

menos a si próprios. nós comportamos, essa

anti-elite

de inadaptados. essa escória. esse lixo.

*! pausa* sabe,

esses delinquentes os dissidentes

e os heróis saem

da mesma espécie humana. acredito nisso.

acredito fielmente nisso. *! pausa curta*

o meio e as circunstâncias

é que fazem com que o tal jovem milite ou seja um vadio.

é uma escolha.

ele escolhe.

! *pausa longa* o Homem contém

em si

as melhores virtudes

e os mais baixos instintos.

a arte de ser um bom cidadão

consiste em favorecer umas e conter outras. tem que se reforçar

pela existência de uma moral,

de uma disciplina. sem isso...

! *é interrompido pelo soldado que se volta na direcção dele. O soldado é Luís. ! Pausa*

então?

! *rindo*

não fui convincente?

! *pausa curta* fui longe demais.

! *pausa* bom, tira lá isso.

não suporto o uniforme.

(não consigo imaginar onde arranjaste um.) ! *pausa curta*

não percebo onde foste buscar a ideia

de aparecer-me aqui mascarado de...

LUÍS

eu alistei-me.

ANTÓNIO *surpreendido* o quê?

LUÍS

sou agora um soldado. !

! *silêncio*

ANTÓNIO naquela noite, tudo mudou. eu mudei.

toda a cidade mudou. mas agora,

olhando-te de novo

vendo-te bem penso que

35

talvez

nada tenha mudado. não passa tudo de...

! *interrompe-se. Pausa* eu e pessoas

como eu

os dissidentes

somos apenas dinossauros, é isso?

! *pausa curta* e vocês,

porque tu és agora um deles, a idade do gelo

que os eliminou. que os elimina. um a um.

vocês

o prolongamento da natureza.

que toma o seu rumo. não passa tudo de... de um curso normal, não é,

dos mais fortes sobre os mais fracos. ! *pausa curta*

mas os mais fortes

não deveriam defender os mais fracos? ! *pausa*

como pudeste fazer-me isto? não te recordas daquela noite? em que eras o mais fraco?

e que continuas a ser...

LUÍS

já não sou mais.

ANTÓNIO um uniforme

não vai alterar isso. ou um cão.

LUÍS

este uniforme e esta trela

vão alterar tudo. a minha vida.

a do meu filho. tudo.

e tu,

ficarás impotente a ver tudo isso.

tal como no teu sonho.

ANTÓNIO bom... finalmente,  
conseguiu um emprego, um trabalho...

LUÍS *interrompendo-o e corrigindo-o* o trabalho.

!

! *silêncio*

ANTÓNIO

onde está o cão?

LUÍS

lá em baixo. com o Simão.

! *pausa* consigo vê-los daqui. !

! *pausa*

ANTÓNIO tem nome?

LUÍS ainda não. mas vai ter em breve.

ANTÓNIO

tu estás doido. sai daqui.

! *pausa* vais viver

a tua vida toda como um soldado.

LUÍS

como um oficial. vou ser promovido.

ANTÓNIO *rindo* promovido.

já?

LUÍS sim.

vai ser rápido.

ANTÓNIO sai.

LUÍS

não posso. estou à espera.

ANTÓNIO o quê?

LUÍS

estou à espera que anoiteça.

! *silêncio curto*

ANTÓNIO denunciaste-me?

! *pausa curta* sou o teu pai,  
seu cabrão de merda.

! *saca a pistola do assento da cadeira de rodas e aponta-a a Luís sai.*

LUÍS não.

ANTÓNIO

meto-te um balázio no meio dos olhos.

LUÍS

não vais fazer isso.

ANTÓNIO não?

LUÍS

não vais conseguir fazê-lo.

! *pausa*

ANTÓNIO

como sabes isso?

LUÍS

a noite cai.

vão soltar os cães. e eu

oiço o teu coração.

!      *escuro lento*